

IV

Os Errores d'Ulysses. — Observações preliminares

A critica já descobriu que a Argonautica não foi extranha á composição da Odyssea ¹—o que é exacto pelo que respeita aos Errores—mas não tirou d'esta descoberta, que saibamos, as importantes consequencias que n'ella se contêm.

Nos Errores encontramos as mesmas duas viagens, que na Argonautica, e como n'esta atadas por um laço artificial—uma tempestade. Na Odyssea porém, com relação á Argonautica, a ordem das duas viagens está invertida; a que esta põe em primeiro lugar, põe-na aquella em segundo, e vice-versa.

Assim os Errores começam propriamente com a tempestade, que no Cabo Maleu atira o navio d'Ulys-

¹ Vid. Kirchhoff, *Die homerisch e Odyssee*, pag. 287.

ses para a Libya — tal qual como começa a segunda viagem dos Argonautas, que também são atirados para a Libya por uma tempestade no Cabo Maleu, e, para que não falte nada, em ambas as legendas a tempestade dura 9 dias.

Depois de varias peripecias que examinamos, os Argonautas voltam a Iolchos, onde entram definitivamente. Depois de varias peripecias que examinaremos, Ulysses volta a Ithaca, onde não pôde entrar, por umas razões que já faziam rir alguns criticos da antiguidade. A razão verdadeira é porém que o mythographo está impossibilitado de fazer entrar o seu heroe em Ithaca, porque lhe falta ainda narrar as aventuras correspondentes á primeira viagem dos Argonautas, que deixou para o segundo logar. Seguisse elle a ordem que seguiu Apollonio, que Ulysses não chegaria apenas á vista d'Ithaca; havia de entrar definitivamente em Ithaca, porque os Errores ficavam exgotados.

E certo é que, desde aquelle episodio por deante, a Odyssea nada conta que nos não conte a Argonautica na expedição a Ea, e, o que mais é, pela mesma ordem. Ulysses, como os Argonautas, encontra-se com Circe, passa pelas Sereias, por Scylla e Carybde, pela Thrinacia, e vae terminar os seus trabalhos na ilha dos Pheacios, onde os Argonautas terminaram os da sua primeira viagem.

Aqui não ha só analogias, ás vezes ha identidade, e em alguns casos identidade tal, que chega a produzir resultados comicos. Por exemplo, as Sereias suicidam-se á passagem d'Ulysses, por verem o seu prestigio perdido; mas á passagem dos Argonautas, que viveram uma geração antes do rei d'Ithaca, já ellas se tinham suicidado e pelo mesmo motivo;

Alcinóo e Arete, reis dos Pheacios, auxiliam Ulysses na volta para a sua patria; mas uma geração antes tinham elles prestado o mesmo serviço aos Argonautas.

Em vista d'estes e d'outros factos que virão em seu logar, haveria razões para perguntar, se a Odyssea plagiou a Argonautica, se a Argonautica a Odyssea, caso esta não confessasse expressamente a prioridade d'aquella, como já sabemos.

Conhecida similhante declaração, nenhuma duvida pôde restar de que foi o mythographo dos Errores quem forrageou largamente na velha legenda phenicia.

Mas até que ponto? Que elle obriga o seu heroe a fazer as mesmas duas viagens que fizeram os Argonautas, já nós entrevimos acima; mas copiou-lhe elle os roteiros e pela mesma ordem? No percurso desde o Circêo até á Pheacia vimos que sim; porém na viagem á Libya, que começa com a tempestade no Cabo Maleu e acaba com a chegada *á vista* d'Ithaca, ninguém dirá que este Ulysses, com as suas aventuras nos Lotophagos, nos Cyclopes e na Eolia, tenha alguma causa de commum com os Argonautas, que naufragaram no mar innavegavel e passaram os seus trabalhos pelas ilhas do Atlantico.

Máis. O theatro d'estas aventuras seria o Mediterraneo, pois que os Cyclopes, aonde Ulysses vae parar depois dos Lotophagos, habitariam a Sicilia; a Eolia, aonde chega depois dos Cyclopes, seria uma das Liparas, e da Eolia navegaria elle para Ithaca.

Examinemos desde já esta ultima objecção. Se aquellas identificações geographicas, que pertencem á chamada «geographia homerica», tivessem algum

valor, também entre as outras duas viagens não haveria a menor relação, porque para esta geographia também o theatro da segunda viagem dos Errores seria o Mediterraneo, emquanto que a sua correspondente na Argonautica tem, conforme entremostremos e provaremos, um theatro absolutamente differente — o Mar do Norte.

Com effeito na segunda viagem, quer dizer, desde a chegada á vista d'Ithaca até entrar de vez na sua patria, os partidarios da « geographia homerica » traziam o pobre Ulysses n'um vae-vem continuo pelo canal da Sicilia: das proximidades d'Ithaca era repellido para a Eolia (uma das Liparas); d'ahi ia ao paiz dos Lestrigões (Sicilia); recuava de novo para a ilha de Circe (Circêo da Italia), d'onde tornava á Sicilia (Thrinacia), passando pelas Sereias (as Serenusas) e por Scylla e Carybde (o Estreito da Sicilia) indo ter finalmente a Corcyra (Pheacia), nas visinhanças d'Ithaca.

É extraordinario que estas identificações sejam ainda hoje quasi geralmente acceites, quando a verdade é que não só não encontram na *Odyssea* texto algum a seu favor, mas ás vezes são desmentidas pelas indicações mais terminantes.

Comecemos este exame, invertendo a ordem das estações nomeadas acima, porque d'este modo chegamos mais rapidamente á nossa demonstração

Dos Pheacios diz a *Odyssea* com todas as letras que habitavam n'um « mar de nevoeiros » ². Espanta

² *Odyssea*, v, 279-81, ed. Didot. O traductor latino diz « in obscuro ponto ». O epitheto original significa — nevoento, obscuro. Comp. *Odyssea*, viii, 568.

depois d'isto que os interpretes, que pretendem lêr na «mente d'Homero», e não têm para lh'a penetrar senão as indicações topographicas que elle lhes fornece, se lembrassem de collocar a Pheacia em Corcyra, onde um mar de nevoeiros é uma perfeita extravagancia. Mas peor. A *Odyssea* diz ainda que os Pheacios habitavam nas extremidades do mar, longe de todo o commercio ³. Pôr Corcyra, que fica a dous passos da Grecia, longe de todo o commercio e nas extremidades do mar, parece mais que extravagancia.

Pelo seu lado Apollonio dir-nos-ha tambem n'uma das suas curiosas revelações que os Pheacios habitavam no Mar Saturnio ⁴ (Mar do Norte), o verdadeiro mar de nevoeiros; de modo que pôde affirmar-se que Apollonio, como o mythographo dos Errores, estão d'accordo em nos apontar a Pheacia para o Mar do Norte, embora inconscientemente.

Primeiro desmentido á «geographia homerica».

Ficando a Pheacia no Mar do Norte, a Thrinacia, nas immediações da qual Ulysses soffreu um grande desastre, que o forçou a arribar áquella ilha, agarado a um pedaço de mastro, tambem só no Mar do Norte pôde ser procurada. Demais é muito evidente que esta Thrinacia, onde habitam os bois do Sol, contra os quaes attentaram os companheiros do rei d'Ithaca, provocando a tempestade que os perdeu, e Erythia, onde habitam os bois de Geryon, filho de Chrysaor, o dourado, i. é, do Sol, são um e

³ *Odyssea*, VI, 204-6.

⁴ *Argonautica*, IV, 548-9.

o mesmo theatro de factos mythificados, e que, se Erythia é a Inglaterra, como mostramos, a Thrinacia não póde ser outra cousa ⁵.

Isto basta, nos parece, para mostrar o valor da «geographia homerica». Ella não passa d'um acervo de phantasias, consagradas pela rotina, e que o investigador tem de desprezar, sempre que os textos da Odyssea lh'as não justifiquem — o que succede rarissimas vezes.

Não é pois porque os Gregos de certa epocha se lembraram d'identificar os Cyclopes com os habitantes da Sicilia, e a Eolia com uma das Liparas, que havemos d'admittir o Mediterraneo, e não o Atlantico, como theatro das aventuras d'Ulysses na viagem á Libya; o estudo dos textos homericos é que ha de resolver este ponto.

Aqui porém offerece-se uma difficuldade d'outra ordem. A coordenação actual das aventuras á Libya, e por consequencia a coordenação das estações d'este roteiro, é a mesma que lhe deu o mythographo d'esta parte dos Errores? Inquestionavelmente não, como vamos vêr pela simples exposição dos successos.

Salteado por uma tempestade no Cabo Maleu, Ulysses vae ter aos Lotophagos (e d'ahi aos Cyclopes, onde as represalias que tira de Polyphemo, um filho de Neptuno, provocam a vingança do terrivel deus dos mares. Espera-se pois que uma tempestade, a infallivel manifestação das iras de Neptu-

⁵ Comp. cap. vi, onde mostramos a origem d'estes factos e a razão por que foram localisados na Inglaterra.

no, cáia sobre o navio d'Ulysses, logo, ou pouco depois que elle larga do paiz dos Cyclopes, como acontece em casos taes, para que se não fique em duvida sobre o delicto que desafiou a punição divina, e a mão d'onde ella parte.

D'esta vez nada d'isso. Ulysses voga tranquillamente para a Eolia, e ainda mais tranquillamente para Ithaca, onde não entrou, já sabemos porque. De sorte que, se o mythographo dos Errores deixa a viagem á Libya para segundo logar, como fez Apollonio, a promessa feita solemnemente por Neptuno a seu filho ficaria por cumprir.

Tudo isto destôa de tal modo do espirito dos antigos, que pôde jurar-se que ha na narrativa lacunas muito importantes.

Agora, se percorremos as aventuras da segunda viagem, encontramos anomalias d'outra especie. Segundo a lição do Livro XII, Ulysses depois de partir da Thrinacia, vê o seu navio e tripulação mettidos no fundo do mar, em consequencia d'uma tempestade, com que Jupiter puniu o sacrilegio, que os seus companheiros haviam commettido n'aquella ilha contra os bois do Sol. O heroe salva-se a grande custo, já agarrado a um fragmento de mastro, já a nado, indo primeiro ter á ilha Ogygia e passando d'ahi para a Pheacia ⁶.

No trajecto d'Ogygia para a Pheacia, lá nos apparece então Neptuno e a sua vingança, e nas condições as mais burlescas do mundo. Pondo de lado o capricho do deus em deixar de vingar-se n'uma

⁶ *Odyssea*, XII, 407 e seg. Comp. VII, 244 e seg.

viagem, em que foi offendido, para vingar-se n'outra, em que não recebeu o menor agravo, nada mais comico que este vingador incubando por muitos annos ⁷ a sua cólera e devendo a um acaso o poder manifestal-a, porque é de notar que o encontro de Neptuno com Ulysses á volta d'Ogygia foi meramente casual.

Mas ha cousa peor. Segundo a lição do Livro XIX, Ulysses da Thrinacia iria ter directamente á Pheacia; é isso que elle mesmo conta a Penelope ⁸, e pergunta-se qual das lições é a verdadeira, a do Livro XII ou a do Livro XIX?

Com certeza a do Livro XIX; porque, se não custa a admittir que um naufrago possa atravessar da Thrinacia para a Pheacia — duas ilhas, que, como já mostramos, ficavam no Mar do Norte, é phantastico de mais admittir que da Thrinacia, do Mar do Norte, um naufrago podesse passar para Ogygia, tão claramente indicada no meio do Atlantico, que o proprio Strabon não põe duvidas a este respeito ⁹, e tornasse d'ahi a outra ilha no Mar do Norte, á Pheacia.

Temos então de desprezar a lição do Livro XII? De modo nenhum; e nós vamos vêr que os factos,

⁷ Só em Ogygia passaria Ulysses sete annos.

⁸ *Odyssea*, XIX, 273-9.

⁹ Strabon, I, II, 18. E em verdade as indicações não podem ser mais claras. Ogygia é uma ilha occupando o centro d'um vasto mar (*Odyssea*, I, 50) e habitada por Calypso, uma filha do Atlas (51-2). Era de certo por esta e identicas razões que Eratosthene já suppunha que todo o theatro dos Errores d'Ulysses era o Occidente. (Em Strabon, I, II, 19).

que ella contém, preenchem tão completamente as lacunas, que notamos na viagem á Libya, que esta pretendida variante, como a consideram alguns interpretes ¹⁰, não passa d'um salto de textos, aliás muito explicavel, como logo mostraremos.

Os factos, que implica a lição do Livro XII, são: — uma tempestade que arrojou Ulysses a Ogygia — estada em Ogygia — volta d'Ogygia, na qual Neptuno, vendo o offensor de seu filho « proximo do fim dos seus trabalhos », e encontrando-se casualmente com elle, lhe faz passar ainda algumas horas afflictas.

Esta tempestade que leva o heroe a Ogygia, uma ilha no meio d'um vasto mar, e occupada por Calypso, uma filha d'Atlas, não é manifestamente a tempestade, que n'uma viagem á Libya se esperava fatalmente vêr cahir sobre o navio d'Ulysses, logo que elle partiu do paiz dos Cyclopes?

Com a orientação que nos dá esta hypothese, acompanhemos o mareante nas suas aventuras, e veremos como se confirma a cada passo a restauração que ella suscita.

Do Cabo Maleu Ulysses vae aos Lotophagos. O proprio Strabon, fundado nas noticias positivas dos mercadores de Gades, não punha duvida alguma em que os Lotophagos da Odyssea eram um povo historico habitando pelas immediações do Atlas ¹¹. Imagina-se então o que podia ser o Cabo Maleu, distando 9-10 dias d'um povo das immediações do

¹⁰ Entre elles o snr. Kirchhoff, que aprecia a contradicção conforme o seu modo de vêr.

¹¹ Strabon, III, iv, 3-4.

Atlas. Muito mais claramente que na Argonautica d'Apollonio, o Cabo Maleu está aqui por Tartesso.

Dos Lotophagos vae o mareante ter ao paiz dos Cyclopes. A «geographia homerica» localisava os Cyclopes na Sicilia, mas nem uma só palavra da Odyssea auctorisa esta identificação. Pelo contrario. O que d'ella se infere é que os Cyclopes pouco distavam dos Lotophagos, e, habitando estes pelas immedições do Atlas, é tambem por perto do Atlas que hão de habitar aquelles¹². Polyphemo era um Cyclope; para vingar as suas offensas é que Neptuno se declara um inimigo implacavel d'Ulysses; era logo, ou pouco depois da sahida do paiz dos Cyclopes, que deveria, como fizemos sentir, realisar-se a promessa feita pelo deus dos mares a seu filho. O episodio immediatamente subsequente ao de Polyphemo deve pois ser uma grande tempestade, que leve o mareante a uma das estações dos Errores, mas a uma estação naturalmente relacionada com a posição geographica dos Cyclopes, que, já o dissemos e repetimos, só podem habitar pelo Mar Austral. Ora pelo Livro XII Ulysses foi parar a Ogygia, em consequencia d'uma furiosa tempestade, e sabemos positivamente que Ogygia é uma ilha no meio do Atlantico. Póde duvidar-se depois d'isto e das observações que ficam feitas, que esta Ogygia, no meio do Atlantico, não seja uma estação da viagem á Libya, e que a tempestade que para lá arrojou Ulysses não seja o cumprimento da palavra de Ne-

¹² Em Strabon, log. cit. os Lotophagos visinham com os *Æthiopes occidentaes*.

ptuno, sem as incongruências que se encontram na coordenação actual dos Errores, mas perfeitamente no seu lugar?

Para nós isto chega a ser tão intuitivo, e tão intuitivo nos parece que ha de ser para o leitor, se seguiu com algum cuidado as nossas reflexões, que temos por superfluo insistir na demonstração.

Havemos pois de dar por assente que o encadeamento das aventuras foi aqui evidentemente deturpado, ou já pela tradição oral em que os cantos homericos correram por muito tempo, ou pelos censores que os fixaram na escripta, e que a deturpação consistiu em intercalar na passagem do Livro XII os episodios d'Ogygia, e fundir a tempestade que levou o navegante a Ogygia, suscitada por Neptuno, com a tempestade que o levou á Pheacia, suscitada por Jupiter, ás exigencias d'Helios ¹³.

Desejaria em todo o caso vêr-se uma razão clara, que determinasse aquella intercalação. Esta razão não foi outra senão o deploravel erro de dar a todos os Errores uma unidade, i. é, fazer d'elles uma serie continua d'aventuras, quando é fóra de duvida, que mesmo esta parte da Odyssea se compunha primitivamente de poemetos independentes e sem ligação alguma, contendo não sómente a narrativa de duas viagens, uma para a Libya, outra para

¹³ Quem lêr a descripção d'esta tempestade (v, 291-389), onde ha actores de mais, Neptuno, Leucothea e Minerva, reconhecerá n'ella signaes evidentes do amalgama que supponmos; mas tal é elle, que se torna impossivel fazer um destrinço satisfactorio, porque alguns dos incidentes primitivos foram sem duvida sacrificados.

a Thrinacia, mas de tres (embora duas d'ellas se possam considerar como simples variantes)¹⁴, cada uma com o respectivo ponto de partida e de chegada.

À luz d'esta verdade e com o criterio, que nos fornece a Argonautica, muitos enigmas da coordenação actual dos Errores decifram-se sem grande difficuldade. Por exemplo, no caso sujeito, se o mythographo da viagem á Libya considerava os trabalhos do seu heroe, sem dependencia alguma dos trabalhos de qualquer outra viagem e com um ponto de chegada definitivo, é de vêr que elle podia phantasiar á sua vontade o mareante, levado a Ogygia por uma tempestade que lhe aniquilou o navio e a tripulação, e voltando só, n'uma jangada, d'aquella ilha para a sua patria; mas claro é que, ligados estes episodios com os da viagem á Thrinacia, na qual Ulysses chega á Lestrygonia á frente d'uma flotilha, que perde por um grande desastre, salvando apenas o navio em que ia, para o perder ainda na tempestade depois da Thrinacia, é claro, repetimos, que para dar a taes factos uma sequencia que não seja disparatada até á imbecilidade mais accentuada, mal se descobre outro expediente que o adoptado pelos coordenadores imbuidos no erro da unidade dramatica — i. é, accomodar o incidente d'este Ulysses entrando só em Ogygia a um momento chronologico posterior á perda do seu ultimo navio, portanto inseril-o depois do grande desastre na Thrinacia.

¹⁴ Vid. cap. vi.

Isto mal se podia conseguir, sem recorrer aos expedientes que denunciámos.

Continuemos a analysar a narrativa, para vêr até que ponto ella justifica a nossa interpretação.

Depois d'uma longa estada em Ogygia, Ulysses pôde enfim voltar á sua patria, e já não estaria longe d'ella, quando Neptuno, vindo dos Æthiopes, i. é, dos lados do Mar Austral, e vendo-o « proximo do fim dos seus trabalhos » lhe faz passar ainda algumas horas d'amargura ¹⁵. Como já vimos, este encontro é devido a um mero acaso; mas o incidente perde o character burlesco que tem na coordenação actual, para se tornar muito significativo na que estamos restaurando. Não é agora que o deus dos mares cumpre a promessa feita a Polyphemo. O Cyclope foi já vingado, e bem vingado, com a tempestade que arrojou o seu offensor ás costas da ilha Ogygia e o obrigou a perder as esperanças de tornar á sua patria; mas Neptuno, que perfilhou aquellas offensas, vendo o seu inimigo proximo do fim dos seus trabalhos, com certeza dos trabalhos na Libya ¹⁶, quer mostrar-lhe ainda a profundidade do seu resentimento, causando-lhe um ligeiro susto. Isto quer simplesmente dizer — porque nós veremos que os incidentes mencionados pelos Errores nunca são insignificantes, que no trajecto d'Ogygia para o

¹⁵ *Odyssea*, v, 282.

¹⁶ Mais que provavelmente o mythographo alludia ao termo dos trabalhos do seu heroe, tanto na viagem á Libya, como na viagem á Thrinacia. Como porém para o coordenador ha uma viagem só, cujo termo é a Pheacia, o amalgama que já notamos continúa, nem pôde deixar de continuar.

ponto de chegada o navegante foi incommodado por uma pequena borrasca ¹⁷, que o contrariou na sua derrota.

As indicações contidas n'este incidente acabam por dissipar todas as duvidas sobre a identificação do ponto de chegada com Tartesso. O encontro d'Ulysses com Neptuno que « vem dos Æthiopes » não indica outra cousa senão a situação d'um mar-reante, que pôde ser assaltado directamente por uma procella que soprava dos lados do sul. O theatro do incidente é portanto uma paragem maritima no Atlantico, exposta ás tempestades do sul, e ficando ella já proxima do ponto de chegada, diga-se se este ponto de chegada, pouco distante d'uma paragem do Atlantico, exposta ás tempestades directas do sul, pôde ser outra cousa senão Tartesso ¹⁸. Diga-se ainda se não é no trajecto d'Ogygia, uma ilha habitada por uma filha do Atlas, para Tartesso que se deu o encontro casual de Neptuno com Ulysses, i. é, a ultima manifestação das iras do deus, e se não é força admittir que a sua verdadeira vingança estava representada na tempestade, que levou o seu inimigo a uma terra isolada no Atlantico.

Vê-se porém pela narrativa do nosso mythographo que, antes de entrar na sua Ithaca, ou, como o forçaram a dizer, antes de chegar á vista d'Ithaca,

¹⁷ Neptuno faz abalar os seus fogosos cavallos, sem se importar que Leucothea venha em auxilio do seu inimigo.

¹⁸ O que acabaria de provar, se alguma prova fosse ainda necessaria, que o termo dos trabalhos da viagem á Libya era um e o termo dos trabalhos da viagem á Thrinacia outro, absolutamente differente.

termo dos seus trabalhos, o navegante teve d'aportar á Eolia. Para a «geographia homerica» a Eolia era, como sabemos, uma das Liparas; mas, do mesmo modo que succede com o paiz dos Cyclopes, nem uma só palavra da Odyssea auctorisa esta identificação. O que d'ella se infere com certeza é que a Eolia ficava a poente do ponto de chegada, pois que no trajecto da primeira para a segunda localidade o vento favoravel ao navegante era o zephyro ¹⁹.

O ponto de chegada era Tartesso; a Eolia ficava pois a poente de Tartesso, portanto na costa do sudoeste da Hispanha e explica-se admiravelmente como ahi possa ir parar um mareante, que vindo d'uma ilha do Atlantico para Tartesso, é assaltado, quando se approxima d'esta estação, por uma tempestade que sopra do sul.

Nós localisaremos mais determinadamente a posição da Eolia no capitulo seguinte; porque nenhuma urgencia ha de o fazer agora.

Resumamos esta investigação. A parte dos Errores, relativa á viagem á Libya, foi muito alterada, principalmente pela deslocação d'alguns episodios, que deixou bruscamente cortado o encadeamento das aventuras, fazendo desaparecer do seu logar competente uma das estações mais proprias para esclarecer a sua geographia, e desarmando os antigos interpretes de todo e qualquer meio de a decifrar racionalmente, muito mais desde que não per-

¹⁹ Para favorecer Ulysses, Eólo encerraria dentro d'um ôdre todos os ventos, á excepção do Zephyro.

cebiam que o verdadeiro ponto de partida da viagem tinha sido substituído por outro inteiramente arbitrário.

A crítica porém está muito no caso de resolver estes enigmas e de poder affirmar com plena certeza que na coordenação primitiva dos Errores, as estações e episodios da viagem á Libya eram:

- || Ponto de partida;
- || Lotophagos;
- || Ilha das Cabras e paiz dos Cyclopes;
- || Tempestade, á sahida do paiz dos Cyclopes, levando Ulysses a Ogygia;
- || Estada em Ogygia;
- || Trajecto d'Ogygia, perturbado por uma ligeira borrasca, que obriga o navegante a arribar á Eolia;
- || Eolia;
- || Trajecto da Eolia para Ithaca (Tartesso).